

ASPECTOS CULTURAIS DO COMPORTAMENTO SUICIDA: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Éberton Oliveira de Souza¹

Lucia Regina Lucas da Rosa²

RESUMO: De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025), o suicídio é a terceira maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, com mais de 720 mil óbitos anuais no mundo. O presente artigo busca, a partir de uma revisão bibliográfica nas plataformas Scielo e Pepsic, enfatizar a importância da cultura como contexto social construído a partir de símbolos dotados de significados compartilhados que podem influenciar os comportamentos autolesivos e suicidas. O presente estudo entende a cultura com base nos conceitos de memória cultural e comunicativa de Assmann (2008) e no conceito de ideologias como sistemas culturais de Geertz (2015). Deste modo, a cultura é vista como um conjunto de experiências e valores transmitidos ao longo do tempo, moldando a identidade e as ações dos indivíduos. O objetivo do estudo é, a partir de uma abordagem fenomenológica, identificar aspectos culturais que influenciam esses comportamentos, com o intuito de ampliar estratégias de prevenção do suicídio e fomentar o debate sobre o fenômeno no Brasil.

Palavras-Chave: psicologia; antropologia; suicídio; autolesão.

ABSTRACT: According to the World Health Organization (WHO, 2025), suicide is the third leading cause of death among young people aged 15 to 29, with more than 720,000 deaths annually worldwide. This article aims, through a literature review conducted on the Scielo and Pepsic platforms, to emphasize the importance of culture as a social context constructed from symbols imbued with shared meanings that can influence self-injurious and suicidal behaviors. The present study understands culture based on Assmann's (2008) concepts of cultural and communicative memory and Geertz's (2015) concept of ideologies as cultural systems. Thus, culture is viewed as a set of experiences and values transmitted over time, shaping individuals identities and actions. The aim of the study is, from a phenomenological

¹ Estudante do curso de Psicologia da Universidade La Salle, Unilasalle Canoas, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Prof. Dra. Lucia Regina Lucas da Rosa.

Contato eletrônico: eberton.201910602@unilasalle.edu.br

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente trabalha como professora coordenadora na Universidade La Salle, Unilasalle Canoas.

Contato eletrônico: lucia.rosa@unilasalle.edu.br

approach, to identify cultural aspects that influence these behaviors, with the intention of enhancing suicide prevention strategies and fostering debate on the phenomenon in Brazil.

Keywords: psychology; anthropology; suicide; self-harm.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2025), anualmente são registrados no mundo mais de 720.000 óbitos por morte autoprovocada, sendo o suicídio a terceira maior causa na faixa etária entre 15 e 29 anos. Entretanto, apesar de complexo e multifatorial, o suicídio pode ser prevenido com estratégias multisetoriais combinadas, para tanto, é necessário compreender o fenômeno a fim de definir prioridades, levando em consideração fatores econômicos e socioculturais de diferentes extratos populacionais (BRASIL, 2024).

Em 2021 foram registrados em território nacional 15.507 mortes por suicídio no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM); destes óbitos, 77,8% foram identificados como indivíduos do sexo masculino (BRASIL, 2024). Entretanto, apesar da prevalência de suicídios consumados entre homens, o Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) registrou em 2021, 114,159 casos de violência autoprovocada, destes, 70,3% ocorreram entre indivíduos do sexo feminino (BRASIL, 2024). Nesse sentido, observa-se uma maior letalidade nos métodos utilizados por homens, mas uma incidência significativamente maior de violência autoprovocada e tentativas de suicídio entre indivíduos do sexo feminino. Em relação à autolesão e suicídios consumados, os principais métodos são respectivamente enforcamento, disparo por arma de fogo e intoxicação por ingestão de diferentes substâncias (Alves *et al*, 2024). Sendo assim, fatores de risco para o suicídio incluem acesso a armas de fogo e produtos tóxicos, mas também transtornos mentais e de personalidade, tentativas pregressas, experiências traumáticas, doenças graves, divórcio, exposição à violência e desemprego (BRASIL, 2024).

Quanto a questões raciais, a população indígena foi a que apresentou maiores índices de suicídio (BRASIL, 2024) bem como as maiores taxas de autolesão em 2021 (Alves *et al*, 2024). Em relação à orientação sexual, os registros são insuficientes, pois computam apenas autolesão e, ainda assim, em 42% dos registros, o campo referente à sexualidade foi ignorado (BRASIL, 2024). Além disso, no Brasil a região sul apresenta as maiores taxas de suicídio (Brasil, 2024). Nesse sentido, de acordo com o governo do estado do Rio Grande do Sul

(2024), entre 2015 e 2023, houve um aumento de mais de 30% nos casos de mortalidade por suicídio seguindo as tendências nacionais em relação ao sexo e faixa etária dos indivíduos.

Em tal cenário, a cultura surge não como uma força subjacente que rege as ações de um determinado povo, mas como um contexto em que determinados comportamentos, crenças e valores são adotados pelos indivíduos - de forma consciente ou não - com o propósito de serem aceitos pelos demais (Geertz, 2015). Dessa forma, os padrões culturais podem ser entendidos como um conjunto de signos dotados de significados compartilhados entre os indivíduos de um determinado grupo (Laraia, 2009) em escala tanto macro quanto micro. Portanto, tais significados e comportamentos podem ser compartilhados por uma nação inteira ou por apenas um grupo de estudantes. Nesse sentido, Assmann (2008) traz o conceito de cultura enquanto memória, como um conjunto de significados compartilhados por gerações através do tempo divididos em três categorias: memória individual (experiência subjetiva), memória comunicativa (experiências compartilhadas socialmente por até três gerações, usualmente atrelado à tradição oral) e a memória cultural (experiências compartilhadas através de eras). Portanto, com base em tais autores, entende-se a cultura como um contexto social carregado de símbolos dotados de significados compartilhados por diversos indivíduos através do tempo. Tais símbolos carregam consigo um sentido de identidade que traz coesão ao grupo (Assmann, 2008) e assim, são capazes de influenciar o comportamento dos indivíduos.

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é buscar compreender a partir de um viés fenomenológico quais são os aspectos culturais capazes de influenciar o comportamento autolesivo e suicida. Nesse sentido, o propósito de identificar tais aspectos é o de contribuir para discussões capazes de ampliar o arcabouço de estratégias de prevenção do suicídio bem como suscitar a discussão sobre o fenômeno.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Com base nos trabalhos de Geertz (2015) e Laraia (2009), entende-se que a cultura é um emaranhado de símbolos dotados de significados que influenciam as crenças, valores e comportamentos dos seres humanos. Portanto, a cultura surge como um conjunto de significados passíveis de serem apreendidos não havendo influências genéticas significativas (Laraia, 2009). Nesse sentido, se um bebê norueguês fosse criado dentro da cultura Guarani, ao longo de seu desenvolvimento, esta pessoa iria se apropriar da linguagem, dos valores, das crenças, dos ritos e tradições e, salvo pela aparência característica do povo norueguês, este

indivíduo seria um Guarani como qualquer outro. Dessa forma, não havendo padrões culturais inatos, observa-se que padrões culturais são essencialmente ensinados, passados de geração em geração, sendo que determinados símbolos podem perdurar por séculos enquanto outros são alterados ou até mesmo extintos em poucas gerações (Assmann, 2008).

Sendo assim, a cultura se manifesta como um contexto dinâmico que influencia e é influenciada pelos indivíduos que dela fazem parte. Em tal cenário, o comportamento suicida se manifesta de diferentes formas, adaptando-se às crenças singulares de cada povo, podendo ser encarado tanto como tabu quanto como única solução possível para um dilema moral ou religioso. Nesse sentido, observamos por exemplo um caso registrado em Angola citado por Prats (1987) onde um bakongo que, sofrendo de uma melancolia delirante, se atirou em um rio enquanto seus vizinhos observavam impassíveis o homem se afogar. Segundo o autor, o conteúdo persecutório dos delírios do homem eram vistos como possessão e a única forma de se libertar era através da morte. Outro exemplo característico, é a prática de suicídio por enforcamento realizada pelo povo Kaiowá chamada *jejuvy*. Os Kaiowá acreditam que quando alguém é tomado por uma tristeza profunda, significa que o indivíduo está com um espírito maligno alojado em sua garganta e a única forma de livrar-se desse mal é através do enforcamento (Staliano; Mondardo; Lopes, 2019). Tais crenças e práticas não se restringem a povos originários, tomemos como exemplo o povo japonês com seu *kakugo no jisatsu* (“suicídio de determinação”, traduzido livremente) que, inspirado no ritual suicida dos samurais chamado *seppuku*, o indivíduo tira a própria vida em nome da honra ferida. Neste caso, o suicídio é imbuído de uma aura de legitimidade que fazia com que até mesmo psiquiatras japoneses do início dos anos 2000 encarassem o sujeito em sofrimento e determinado a se suicidar como alguém em pleno gozo de suas faculdades mentais e, dessa forma, contrariá-lo seria ferir sua autonomia enquanto indivíduo (Kitanaka, 2008). Por outro lado, ao contrários dos japoneses que veem no *kakugo no jisatsu* uma demonstração de força e valor pessoal, povos com valores majoritariamente cristãos tendem a ver o suicídio como uma demonstração de fraqueza, um ato proibido representado no sétimo círculo do inferno retratado no séc. XIV por Dante Alighieri no célebre poema atualmente conhecido como Divina Comédia. Nesse sentido, podemos observar que diferentes culturas podem fazer com que seus indivíduos apresentem atitudes antagônicas à prática do suicídio ou mesmo facilitadoras.

Portanto, tomando como base, principalmente, a percepção de Geertz (2015) que concebe a ideologia como proposta de sistema cultural, observamos o comportamento suicida como um subproduto de uma relação dialética entre forças conservadoras e progressistas em

essência. Com isso, entendemos tais forças não sob um viés político-partidário, mas fundamentando em uma percepção fenomenológica em que um lado busca preservar o *status quo* enquanto o outro luta por mudança. Nesse sentido, observa-se que nenhuma sociedade é completamente integrada, pois sempre haverá tensões entre arranjos opostos como as relações entre lei e ordem, estabilidade e mudança dos papéis sociais, lucro e bem-estar social e assim por diante. Dessa forma, o comportamento suicida se manifesta como uma consequência do desgaste e sofrimento psíquico presente nos indivíduos que se veem consumidos pela pressão interna e externa de cumprir com as obrigações socialmente impostas. Sob tal perspectiva, este trabalho buscou compreender como parte da literatura atual compreende e aborda os aspectos culturais presentes no comportamento suicida.

3. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo com base na análise de conteúdo (Bardin , 2016). A pesquisa foi realizada buscando responder a questão norteadora “*quais as influências da cultura no comportamento suicida no Brasil?*”. Para responder tal questão, foram coletados artigos publicados entre os anos de 2015 e 2025 nas bases de dados Scielo e Pepsic, utilizando os descritores "suicídio AND cultura", "suicídio AND identidade" e "suicídio AND sociedade". Ao total foram identificados 104 artigos, destes foram descartados os documentos repetidos e todos aqueles que não tratavam de forma significativa os aspectos culturais relacionados ao suicídio, restando 26 artigos. Após a análise dos artigos selecionados, identificou-se 5 temas recorrentes relacionados ao comportamento suicida: trabalho, serviços e políticas públicas, questões etárias, questões de gênero e questões relacionadas às minorias.

4. RESULTADOS

Foram identificados 5 temas principais abordados nos artigos: questões laborais, serviços e políticas públicas, minorias, questões de gênero e questões etárias. Entretanto, cabe salientar que tais temas não são tópicos isolados, mas diferentes áreas da vida que se sobrepõem exercendo influências mútuas. Nesse sentido, entende-se, por exemplo, que uma pessoa LGBTQIA+ em função do preconceito sofrido, pode ter dificuldades em obter um emprego, ao mesmo tempo sofre com mazelas características de sua faixa etária. Nesse

sentido, esta divisão temática tem como única finalidade oferecer enfoque em diferentes campos que afetam a constituição do sujeito, mas sem desconsiderar suas áreas de interface.

Os artigos foram divididos de acordo com a base de dados onde foram coletados e distribuídos em tópicos como autor, data de publicação e instituição responsável pela publicação do artigo, conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1 - Artigos encontrados no Scielo

Título	Autor(a)	Data de publicação	Instituição
Práticas de fim de vida: análise bioética dos projetos do Poder Legislativo brasileiro, 1981-2020	EICH, M. et al.	2024	Universidade de São Paulo
Suicídio de mulheres no Brasil: necessária discussão sob a perspectiva de gênero	DANTAS, E. S. O. et al.	2023	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
Violação dos direitos humanos dos pacientes com tentativa de suicídio no Brasil	LIMA, L. et al.	2022	Universidade de São Paulo
Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans	CHINAZZO, Í. R. et al.	2021	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico	CORRÊA, F. H. M. et al.	2020	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Pessoas idosas tentam suicídio para chamar atenção?	GUTIERREZ, D. M. D. et al.	2020	Universidade de São Paulo
Onde e como se suicidam os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: Confinamento, jejuvy e tekoha	STALIANO, P.; MONDARDO, M. L.; LOPES, R. C	2019	Conselhos Federal de Psicologia
Suicídio, cultura e trabalho em município de colonização alemã no sul do Brasil	MENEGHEL, S. N.; MOURA, R.	2018	Universidade Estadual Paulista

Aproximações e distanciamentos ao suicídio: analisadores de um serviço de atenção psicossocial	CESCON, L. F.; CAPOZZOLO, A. A.; LIMA, L. C.	2018	Universidade de São Paulo
Suicídio e feminilidades	MARQUETTI, F. R.; MARQUETTI, F. C.	2017	Universidade Estadual de Campinas
Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos	SOUZA, M. L. P.	2016	Universidade de São Paulo

Fonte: o autor, 2025

A seguir, apresento outra fonte de consultas que mostra uma situação semelhante a do quadro anterior quanto a publicações sobre suicídio.

Tabela 2 - Artigos encontrados no Pepsic

Título	Autor(a)	Data de publicação	Instituição
Produção discursiva sobre suicídio e comunidade LGBT no Twitter	GRANDIM, J. G. P. et al	2024	Universidade Federal do Rio de Janeiro
O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação	GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S.; PERRONE, C. M.	2020	Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle
Não dá mais! A impiedade de Cronos, o idoso e o cenário atual brasileiro	ALMEIDA, A. P.; NETO, A. N.	2020	Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Macro e micro- olhares na prevenção do suicídio: um aprendizado de mão dupla	CAIS, C. F. S.; MELLO, T. M. V. F.; BARBOSA, M. K.	2019	Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

O desejo de viver e a transmissão do saber: perspectivas psicanalítica e filosófica	OLIVEIRA, D. P.; LIMA, M. C. P.; COLARES, C. C	2019	Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro
Clínica extensa: interfaces da psicanálise e da educação	DITOLVO, H. H. S.; GORAYEB, R.; DEROUALLE, S. M.	2019	Federação Brasileira de Psicanálise
Suicídio na adolescência: tentando pensar o impensável	VANNUCCHI, A. M. S.	2019	Federação Brasileira de Psicanálise
O suicídio na era do espetáculo: a respeito dos massacres nas escolas	GERCHMANN, A.; ANTUNES, C. A.	2019	Federação Brasileira de Psicanálise
O corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes	JUNIOR, P. M. C.; CANAVEZ, F.	2018	Universidade Federal de São João del-Rei
O gênero no comportamento suicida: Uma leitura epidemiológica dos dados do Distrito Federal	BAERE, F.; ZANELLO, V.	2018	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Aspectos Psicossociais do Suicídio em Idosos e Percepções de Sobreviventes	ALMEIDA, B. L. S.; LORENTZ, M.; BERTOLDO, L. T. M.	2018	Faculdade Meridional
Thirteen reasons why : suicídio em adolescentes	LEVINZON, G. K.	2018	Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Sao Paulo
Saúde no trabalho de fumicultores do RS: não adoece somente quem fuma, mas também quem planta	CASTRO, L. S. P.; MONTEIRO, J. K.	2016	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Trabalho e suicídio: gesto de resistência final	CAMPOS, L. J. et al.	2016	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: o autor, 2025

Questões laborais

No campo do trabalho foram identificados 3 artigos, sendo que 2 deles abordaram a forma como o suicídio se mostra como uma alternativa ao sofrimento e endividamento para agricultores familiares do interior do Rio Grande do Sul (Meneghel; Moura, 2018. Castro; Moreira, 2016) e o terceiro aborda o suicídio como um ato de resistência diante do sofrimento relacionado ao trabalho (Campo *et al.*, 2016).

Dessa forma, de acordo com Castro e Moreira (2016), a vida dos agricultores familiares está fortemente atrelada a sua atividade laboral, sendo está uma forma com que a comunidade executa juízo de valor sobre seus membros, enaltecendo aqueles que obtêm sucesso e rechaçando os que fracassam. Nesse sentido, o trabalho surge como um balizador na constituição da identidade do sujeito como uma consequência da relação dialética entre a experiência interna (subjetiva) e as interações sociais com seus pares. Neste cenário, o sofrimento surge no fracasso, no endividamento, no desamparo estatal expresso na falta de garantias, na falta de perspectiva em um ambiente laboral cerceado pela indústria fumageira que submete os trabalhadores a condições de trabalho insalubres, tal sofrimento, leva muitos trabalhadores a buscar alívio na morte (Meneghel; Moura, 2018. Castro; Moreira, 2016).

Além disso, Campos *et al.* (2016) ao analisar três processos judiciais sobre suicídio e trabalho sob a perspectiva de Christophe Dejours, Florence Bèngue e Karl Marx, associaram o suicídio decorrente das relações de trabalho - ou ausência delas - a uma forma de resistir a pressões sociais. Dessa forma, as autoras propõem que o sofrimento relacionado ao ambiente de trabalho decorrente de exploração, impossibilidade de exercer a atividade laboral e o preconceito contra aqueles destituídos de trabalho, resulta muitas vezes em comportamentos suicidas.

Serviços e políticas públicas

Quanto aos serviços e políticas públicas, identificou-se 4 artigos que abordam temas como análise documental de projetos do Poder Legislativo sobre a regulamentação da eutanásia no Brasil (Eich *et al.*, 2024), violações de direitos humanos durante os atendimentos de pacientes com tentativa de suicídio principalmente em emergências hospitalares (Lima *et al.*, 2022), discussões sobre a eficácia de políticas públicas na prevenção de suicídio (Cais; Mello; Barbosa, 20219) e a investigação dos procedimentos na atenção psicossocial de um município de São Paulo (Cescon; Capozzolo; Lima, 2018).

Dessa forma, o debate público a cerca do suicídio na sociedade ainda é revestido de um moralismo religioso que muitas vezes inviabiliza a discussão do tema, mesmo quando se trata do encerramento da vida no contexto de doenças terminais que causam grande sofrimento físico e psíquico aos pacientes (Eich *et al.*, 2024). De acordo com as autoras, o argumento corrente que impede discussões na esfera Legislativa sobre a regulamentação da eutanásia no Brasil, é a de que, com base em preceitos principalmente cristãos, esta prática contrariaria o Princípio de Inviolabilidade do Direito à Vida presente na Constituição da República de 1988.

Por outro lado, Lima *et al.* (2022) direcionam o olhar para os usuários de serviços de urgência e emergência após uma tentativa de suicídio - ou por vezes reiteradas tentativas - que são frequentemente hostilizados verbalmente, negligenciados e, em alguns casos, até mesmo punidos fisicamente por médicos e enfermeiros durante procedimentos e exames. Sendo assim, as autoras procuram problematizar a forma como estes pacientes são recebidos nos serviços de saúde, apontando para a violação dos direitos humanos destes indivíduos justificada pela tentativa de suicídio ser encarada como uma subversão do saber médico. Portanto, ao tentar se suicidar, o paciente contraria a função do médico detentor do saber e poder sobre a vida.

Além disso, Cais, Mello e Barbosa (2019) chamam a atenção para o debate público questões sobre a percepção de senso comum presente na sociedade - muitas vezes encerrada dentro de tabus culturais de cunho religioso - de que não se deve abordar publicamente ou questionar as pessoas sobre ideação suicida sob o risco de estimular ou mesmo desencadear o comportamento suicida em indivíduos propensos. Tal percepção, de acordo com os autores, está presente mesmo em profissionais na área da saúde mental e defendem a necessidade de que o tema seja discutido tanto no espaço clínico quanto na esfera pública.

Dessa forma, tomando o suicídio, não como um evento íntimo, mas como uma forma de comunicação, Cescon, Capozzola e Lima (2018) analisam o serviço de atendimento psicossocial de um município de São Paulo a partir das perspectivas da equipe técnica. Dessa forma, as autoras apontam que o tema é visto como importante pela equipe, mas que mobiliza sentimentos atravessados por julgamentos morais/religiosos e angústias pessoais. Nesse sentido, as autoras mobilizaram o debate entre a equipe técnica identificando uma necessidade por parte dos trabalhadores de serem ouvidos e de partilharem suas angústias acerca do tema. Dessa forma, foi possível estimular a equipe a oferecer um acolhimento mais humanizado, afastando-se do modelo estritamente biomédico que tende a resumir o comportamento suicida à patologização.

Questões de gênero

Em relação às mulheres, existe uma significativa escassez de literatura a respeito do ato suicida associado a padrões culturais (apenas 3 artigos nos últimos 10 anos). No material coletado se observou uma associação direta entre o comportamento suicida na mulher e o papel de gênero, ou seja, as obrigações socioculturais introjetadas nas mulheres desde a infância, usualmente colocando-as em uma condição de submissão e vulnerabilidade (Dantas *et al*, 2023. Baére; Zanello, 2018. Marquetti; Marquetti, 2017) . Além disso, a desigualdade, fruto da imposição da masculinidade sobre a feminilidade, mostra-se como um fator de risco e indicador de vulnerabilidade para as mulheres no que tange ao comportamento suicida (Dantas *et al*, 2023) e a perpetuação destas imposições calcadas em argumentos fisiológicos ao longo de séculos, encontra na sociedade patriarcal ecos que buscam oferecer um caráter de legitimidade a essas imposições (Baére; Zanello, 2018).

Nesse sentido, Marquetti e Marquetti (2017) retornam à Antiguidade Clássica, mais precisamente na Grécia Antiga, para revelar mulheres silenciadas, privadas de liberdade tanto para transitar fora do lar quanto no convívio social. Trancafiadas em seus lares, tais mulheres, privadas de direitos políticos, eram reservadas à procriação e cuidados domésticos e assim, mesmo nascidas livres, acabavam por ser escravas de seus pais e maridos (Marquetti; Marquetti, 2017). Sendo assim, ao traçarmos um paralelo com a posição da mulher na sociedade contemporânea, mesmo apesar das conquistas de direitos propiciados por movimentos feministas, ainda são predominantes os padrões culturais que colocam a mulher numa posição de cuidadora (do lar, dos filhos, do marido), de cerceamento da sexualidade e pressão social sobre a reprodutividade. Tais padrões culturais construídos a partir de um viés machista, submetem ainda hoje as mulheres ao silenciamento e obediência até mesmo diante de violências físicas, psicológicas e patrimoniais (Dantas *et al.*, 2023).

Minorias

Quanto às minorias, foram encontrados 5 artigos, destes, 3 abordam as pressões sociais, vulnerabilidade e fatores de proteção sobre indivíduos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais) não se estendendo aos demais grupos sob a sigla LGBTQIAPN+ e os outros 2 trazem questões relacionadas aos povos originários. Nesse sentido, quanto às populações LGBT, os artigos que discorreram sobre gênero e sexualidade abordando temas

como, os discursos sobre o suicídio entre pessoas LGBT nas redes sociais (Gransim *et al.*, 2024), impactos do estresse de minoria em pessoas trans (Chinazzo *et al.*, 2021) e o pensamento suicida entre a população transgenero (Corrêa *et al.*, 2020). Além disso, os artigos que trabalharam o suicídio em povos originárias, abordam temas como as crenças, distanciamento das tradições e a influência do contato com outras culturas favoreceram o processo de deterioração cultural destes povos, resultando em comportamentos suicidas (Staliano; Mondardo; Lopes, 2019. Souza, 2016).

Dessa forma, Grandim *et al.* (2024) ao analisar a produção discursiva da rede social *Twitter* (atualmente conhecida como X), identificaram diversos usuários da rede social que relataram ter ideação suicida ou expuseram casos de pessoas conhecidas bem como discursos sobre conscientização, mas também, ataques e exposição de ódio explícito fundamentado em preconceitos cristalizados na sociedade. Nesse sentido, uma das formas de compreender o impacto nocivo de tais preconceitos é através do estresse de minoria - compreendido em três formas de preconceitos: percebido, antecipado e internalizado, que consistem respectivamente em os preconceitos que o indivíduo identifica no momento em que ocorrem, os que a pessoa espera que aconteçam de forma ansiogênica e aqueles que o sujeito entende como natural conferindo um caráter de normalidade a estes preconceitos (Chinazzo *et al.*, 2021). Sendo assim, entende-se que ambientes homofóbicos e transfóbicos são fatores precipitantes de comportamentos suicidas (Corrêa *et al.*, 2020).

Em relação aos povos originários, diversas etnias sofrem com a desterritorialização promovida principalmente pelo agronegócio impulsionado pelo estado brasileiro (Staliano; Mondardo; Lopes, 2019) e o processo de deterioração cultural decorrente do contato com culturas predatórias como aquelas fundamentadas em valores cristãos (Souza, 2016) contribuem para os comportamentos suicidas entre indígenas. Nesse sentido, os autores defendem que ao terem suas crenças e costumes violados e ao serem expulsos de suas terras, leva os indígenas a uma absoluta falta de perspectiva, em alguns casos, expulsos de suas terras, passam a viver às margens de rodovias em condições precárias sem comida e amparo, muitos recorrem ao suicídio (Staliano; Mondardo; Lopes, 2019).

Questões etárias

Em relação às questões etárias, foram identificados 11 artigos ao total abordando o comportamento suicida, sendo 3 deles sobre idosos e 8 sobre adolescentes. Cabe salientar a predominância de artigos fundamentados na psicanálise no que tange principalmente à

juventude. Além disso, nenhum dos artigos selecionados centrou-se na faixa etária entre os polos - jovens e idosos - como referencial para sua argumentação.

Sendo assim, em relação aos idosos, Gutierrez *et al.*, (2020) procuram encontrar o lugar de fala das pessoas mais velhas usualmente silenciadas e tratadas às margens da senilidade, resgatando e validando os sentimentos e percepções dessa população vulnerável. Portanto, as autoras, contrariando um pensamento popular de que os idosos tentam suicídio para chamar atenção, identificaram no abandono dos filhos, no sofrimento decorrente de doenças crônicas e no silenciamento, preditores de comportamentos suicida. Além disso, Almeida e Neto (2020) sinalizam os altos índices de violência contra idosos que ocorrem na maioria dos casos em suas próprias residências. Outro fator de risco de suicídio entre idosos, como apontado por Almeida, Lorentz e Bertoldo (2018), são a depressão e o luto em um período da vida cercados de perdas como falecimento de amigos e familiares, perda do emprego (aposentadoria), mudança de papéis sociais e isolamento. Sendo assim, os autores citados referem a importância do lugar de fala, do acolhimento e reconhecimento dos idosos.

Entre os jovens, a predominância da presença psicanalítica nos estudos oferece uma percepção consistente dos mecanismos que potencializam o comportamento suicida. Nesse sentido, observa-se um constante conflito entre pulsões de vida e morte desvelado no palco de uma sociedade orientada para o consumo em que os valores simbólicos renovam-se rapidamente e manifesta-se de forma transitória (Gurski; Strzykalski; Perrone, 2020. Penso; Sena, 2020. Gerchmann; Antunes, 2019. Junior; Canavêz, 2018). Além disso, um tema que se mostra basal nos estudos sobre adolescentes é a construção da identidade (Gurski; Strzykalski; Perrone, 2020. Penso; Sena, 2020. Gerchmann; Antunes, 2019. Vannucchi, 2019. Levinzon, 2018. Junior; Canavêz, 2018) na relação dialética entre sujeito e o meio, ou seja, nos conflitos entre busca pelo gozo contrariada pela castração em forma de regras e obrigações impostas pela família e sociedade.

Outro ponto importante discutido pelos autores é o comportamento suicida enquanto um ato subversivo imbuído de uma mensagem daquele que sofre e deseja ser ouvido. Portanto, a tentativa de suicídio é sobretudo uma tentativa de se acabar com o sofrimento e não necessariamente com a vida (Penso; Sena, 2020). Outros trabalhos, levam tal ato para uma outra perspectiva, discutindo tiroteios em escolas seguidos do suicídio de seus autores como uma forma de reagir ao mundo e deixar sua marca em uma sociedade que cada vez mais valoriza a exposição midiática como forma de reconhecimento do indivíduo levando muitos jovens ao ostracismo (Gurski; Strzykalski; Perrone, 2020. Gerchmann; Antunes, 2019).

Entre os artigos analisados existem também trabalhos que procuram levar a discussão por outros caminhos. É o caso de Oliveira, Lima e Colares (2019) que questionam na sociedade atual a capacidade de transmissão do saber enquanto meio para difundir valores culturais entre as gerações. Outro, é o caso de Ditolvo, Gorayeb e Deroualle (2019), que através da clínica psicanalítica ampliada propõe-se a sair do consultório a fim de trabalhar dentro da área de interface entre a educação e a psicanálise com o propósito de, a partir dos profissionais de educação, promover um ambiente mais saudável dentro do âmbito escolar.

5. DISCUSSÃO

No material analisado foi possível observar certos padrões associados ao comportamento suicida se repetindo consistentemente em todos os temas identificados. Tais padrões se manifestam nas crises de identidade (seja de formação entre os jovens ou na deterioração decorrente da mudança de papéis sociais entre adultos e idosos), no isolamento, no entendimento do comportamento suicida como um ato subversivo que objetiva transmitir uma mensagem, como consequência da lógica capitalista e, mais importante, no suicídio como uma tentativa de acabar com o sofrimento agudo e não necessariamente com a própria vida. Sendo assim, enquanto um evento multifatorial atravessado por questões subjetivas e objetivas (meio sociocultural), para melhor compreender o comportamento suicida, é necessário um olhar fenomenológico, ou seja, direcionar o olhar para a essência do fenômeno.

Sendo assim, observa-se por exemplo a influência da lógica capitalista que constitui um individualismo patológico (Gerchmann; Antunes, 2019) em uma sociedade que entende o consumo imediato de bens como única forma de gozo, revelando-se altamente competitiva ao passo em que oferta ideais de sucesso e beleza praticamente inalcançáveis para a maior parte da população. Ao mesmo tempo em que oferece ideais inalcançáveis, defende-se um conceito distorcido de meritocracia em que qualquer um pode ser/ter o que quiser desde que se esforce o suficiente para isso. Desse modo, forma-se um processo de financeirização da vida que é operado por um referencial empresarial que exige que o indivíduo imunize-se do fracasso enquanto sente-se descartável (Gurski; Strzykowski; Perrone, 2020). Nesse sentido, o capitalismo global trabalha a partir da desregulamentação, do afrouxamento de leis trabalhistas e terceirização do trabalho agindo a favor do grande capital em detrimento do trabalhador (Meneghel; Moura, 2018).

Tomemos como exemplo as famílias de fumicultores do interior do Rio Grande do Sul (RS), observa-se que o cultivo do fumo é uma atividade que visa o sustento do grupo familiar, mas é também o local em que os indivíduos passam a maior parte do tempo, tendo como colegas de trabalho seus familiares e, em muitos casos, é um espaço em que trabalham desde a infância (Castro; Monteiro, 2016). Dessa forma, em meio a comunidade de fumicultores, a memória cultural surge como um sistema aberto carregado de significados que oferece aos indivíduos conhecimento de si e do grupo constituindo um senso de identidade (Assmann, 2008). Portanto, como base no conceito de memória cultural, identificamos valores fortemente atrelados ao trabalho em meio a comunidade de fumicultores. Desse modo, o trabalho define o valor do sujeito junto ao grupo tornando o suicídio relacionado ao trabalho um tabu e, assim, mesmo quando apresentam sintomas de transtornos mentais, suas queixas são ignoradas ou desqualificadas como “vagabundagem” (Castro; Monteiro, 2016).

Sendo assim, as famílias de agricultores em questão são submetidas a imposições da indústria fumageira que, enquanto compradora, define o valor do produto final resultado de um ano inteiro de trabalho (Castro; Monteiro, 2016). Além das incertezas em relação a desvalorização do produto final, os agricultores estão sujeitos a intempéries que podem vir a devastar a produção. Em tal cenário, o trabalho investido na lavoura pode ser inteiramente perdido e sem apoio estatal, às famílias tendem a se endividar precipitando conflitos familiares e pressões sociais relacionadas à competência dos trabalhadores (Meneghel; Moura, 2018).

Em função disso, o trabalhador se vê pressionado pelos credores e pela indústria que explora a mão de obra oferecendo acordos desleais por um lado e por outro é pressionado pela própria comunidade que exige bons lucros como um sinal de sucesso e valor pessoal. Diante disso, o resultado é o sentimento de impotência devido a falta de controle sobre a vida levando a falta de perspectiva, isolado o sujeito não pode nem mesmo contar com o apoio emocional de seus pares buscando no suicídio um alívio para o sofrimento (Meneghel; Moura, 2018). Portanto, é possível observar os valores culturais que passaram a absorver a lógica do capital como facilitadores do desenvolvimento de comportamentos suicidas, nesse cenário em que a pressões externas submetem a responsabilidade do fracasso coletivo enquanto sociedade sobre o sujeito, o trabalhador se vê encurralado.

Além do esvaziamento de valores culturais produzidos pelo capital, existem por outro lado valores religiosos persistentes que dificultam e, por vezes, impossibilitam o debate público acerca do comportamento suicida. De acordo com Assmann (2008), a memória

cultural é baseada em símbolos fixados no passado que são transmitidos através de gerações. Nesse sentido, o contexto cultural brasileiro, apesar da influência de religiões de matriz africana, ainda carrega valores culturais fortemente enraizados na doutrina católica construída a partir de séculos de colonização europeia. Nesse sentido, o objetivo não é demonizar os valores religiosos, mas, como objetivo central deste trabalho, alertar para os perigos de valores culturais que balizam comportamentos e crenças quando fundamentados em doutrinas inquestionáveis. Isso se deve ao fato de que comportamentos etnocêntricos - percepção que o sujeito tem de que seus valores são os únicos moralmente corretos a serem seguidos - tendem a resultar em hostilidades.

Dessa forma, dada a natureza dinâmica da memória cultural, muitos valores antigos são assimilados e perpetuados sem que se saiba o motivo real para a reprodução destes símbolos. Por exemplo, o costume de carregar a noiva através da soleira da porta tido por Hollywood por décadas como um referencial de romantismo, é na verdade uma tradição romana calcada em etnocentrismo, pois este costume era um gesto simbólico em que a noiva era assimilada pelo clã do noivo eliminando a não consanguinidade, assim, eliminando o aspecto de “diferente” inerente aqueles que não pertencem ao clã (Laraia, 2009).

Entretanto, apesar da natureza inofensiva do exemplo anterior, o etnocentrismo pode ser responsável por pequenas agressões como afirmar que alguém não tem cultura por apreciar um determinado gênero musical, mas também pode levar governos a realizar genocídios. Em função disso, o etnocentrismo não deve ser negligenciado ao considerarmos o debate público, pois isso incorre no risco de que minorias e grupos vulneráveis sejam alvos de políticas hostis cerceando seus direitos e liberdade. Nesse sentido, podemos tomar como exemplo as perseguições sofridas por pessoas que destoam da heteronormatividade, com frequência hostilizadas em rede sociais e muitas vezes rechaçadas por seus próprios familiares em decorrência de julgamentos moralistas fundamentados em preceitos religiosos (Grandim *et al.*, 2024).

Dessa forma, quando esse moralismo é levado para a esfera pública por uma maioria, leis são aprovadas que removem ou impedem o acesso de minorias a direitos, como a união homoafetiva reconhecida pelo estado por exemplo. Portanto, fundamentado em etnocentrismo, grupos minoritários são usualmente submetidos a aspectos culturais a qual muitas vezes não reconhecem como verdadeiros. Desse modo, o desfecho de comportamentos etnocêntricos, é a marginalização de grupos minoritários que, conforme Chinazzo *et al.* (2021) aumentam o risco de desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, uso de substâncias e comportamentos suicidas.

De acordo com Lima *et al.* (2022), agressões perpetradas por médicos e enfermeiros com base em julgamentos morais de cunho religioso são frequentes contra pacientes, pois isso subverte a ordem médica e religiosa estimulando um sentimento de “vingança”. Sendo assim, as autoras apontam para a alta incidência de negligências, violências e falta de acolhimento empático adequado para esses pacientes que açoitados até mesmo em um ambiente supostamente de cuidado, tendem ter seus quadros de comportamentos suicidas agravados.

Portanto, é nesse cenário de esvaziamento de símbolos significativos da memória comunicativa - valores culturais propagados por até três gerações - produzido pela lógica da sociedade de consumo, associado a memória cultural - valores culturais transmitidos por dezenas de gerações - carregada de valores religiosos que se forma o tensionamento entre forças progressistas e conservadoras. A tensão entre tais polos, norteada pelo etnocentrismo, inviabiliza o debate público, pois ambos os lados entendem-se como fundamentalmente corretos e, portanto, incapazes de ceder em suas pautas. Desse modo, de acordo com Geertz (2015), na ausência de valores culturais centralizadores que oferecem um senso de identidade sólido, os indivíduos se vêem angustiados e, assim, as ideologias ganham força como resposta a esta angústia. Nesse sentido, o autor defende que as ideologias trabalham em favor de ofertar os valores simbólicos ausentes em meio ao tensionamento presente na sociedade, formando pequenos e grandes grupos que partilham de angústias semelhantes.

Portanto, em relação ao comportamento suicida, a ideologia se manifesta por exemplo em planejamentos de pactos de suicídio coletivo (Grandim *et al.*, 2024) e na formação de grupos obscuros na internet cujas discussões resultam em massacres escolares seguido de suicídio dos autores (Gurski; Strzykalski; Perrone, 2020. Gerchmann; Antunes, 2019). Desse modo, a ideologia surge no comportamento suicida como um meio de dar sentido ao desespero, no caso dos atentados em escolas, Gurski, Strzykalski e Perrone (2020) afirmam que o suicídio planejado ao final do ataque a escola em Suzano (SP), mais do que uma tentativa de apagar a própria existência, o ato suicida foi uma forma alcançar reconhecimento e visibilidade.

Nesse sentido, diversos dos estudos analisados nesse trabalho afirmam que o suicídio tem um caráter subversivo e se manifesta como uma forma de alívio do sofrimento, mas também como forma de deixar uma mensagem que denuncia a angústia resultante do tensionamento social. Sendo assim, casos a mulher que suicida-se na sala de estar de sua casa enquanto os filhos dormiam e o marido fazia a feira (Marquetti; Marquetti, 2017), o do agricultor no galpão de fumo (Meneghel; Moura, 2018) ou do indígena que destituído de suas

e tradições encontram na morte uma saída (Staliano; Mondardo; Lopes, 2019), trazem em seu âmago um grito de desespero que revela a angústia daqueles que sucubem sob o peso de aspectos culturais que estimulam isolamento, silenciamento e responsabilidade pelo fracasso em uma sociedade que exige o inalcançável.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, com base no exposto até aqui, observa-se que a cultura possui um grande potencial de influenciar o comportamento suicida. Todavia, cabe salientar que independe da profundidade que se trabalhe este tema, o recorte é sempre superficial por se tratar de uma questão extremamente complexa, pois tanto cultura quanto comportamentos suicidas são resultantes de processos multifatoriais atravessados pela dialética entre subjetivo e objetivo, indivíduo e sociedade em um processo histórico contínuo. Nesse sentido, a proposta de trabalho é a de estimular a discussão sobre a influência dos aspectos culturais no comportamento suicida sob um viés fenomenológico, ou seja, de observar o fenômeno e seus atravessamentos em essência.

Desse modo, compreende-se que valores culturais longe de serem rígidos e inflexíveis, são dinâmicos e fruto de aprendizado, assimilados pelo indivíduo através de um processo de transmissão do saber. Dessa forma, por se tratar de crenças e comportamentos aprendidos, ou seja, ao ser destituída de uma percepção sagrada e inquestionável, a cultura pode ser submetida ao escrutínio com o propósito de identificação e validação ou não de aspectos (valores simbólicos) que podem ser nocivos para os membros do grupo, seja ele uma nação inteira ou um grupo de estudantes.

O presente estudo contribuiu para a ampliação do debate acerca dos comportamentos suicidas e suas possíveis causas. Além disso, identificou-se uma grande escassez de estudos recentes abordando o tema sob um viés cultural. É possível que isso se deva ao fato de que o conceito de cultura é compreendido de forma demasiadamente abstrata fora da antropologia. Nesse sentido, sinaliza-se a necessidade de ampliação do número do tema em questão.

Todavia, cabe sinalizar que o presente trabalho se restringiu apenas às bases de dados Scielo e Pepsic. Portanto, é necessário que novos estudos ampliem para que seja possível uma percepção mais abrangente da disponibilidade de estudos que abordam o aspecto cultural do comportamento suicida. Além disso, recomenda-se também a expansão do referencial teórico para além do que foi possível neste estudo.

7. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. P.; NETO, A. N. Não dá mais! A impiedade de Cronos, o idoso e o cenário atual brasileiro. *Jornal Psicanálise*, São Paulo, v. 53, n. 99, p. 167–182, 2020.
- ALMEIDA, B. L. S.; LORENTZ, M.; BERTOLDO, L. T. M. Aspectos psicossociais do suicídio em idosos e percepções de sobreviventes. *Revista Psicol. IMED*, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 21–36, 2018.
- ALVES, F. J. O. et al. The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022. *The Lancet Regional Health – Americas*, v. 31, 2024.
- ASSMANN, J. Communicative and cultural memory. In: ERLI, A.; RÜNING, A. (Ed.). *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109–118.
- BAERE, F.; ZANELLO, V. O gênero no comportamento suicida: uma leitura epidemiológica dos dados do Distrito Federal. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 23, n. 2, p. 168–178, 2018.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. *Boletim Epidemiológico*, v. 55, 2024.
- CAIS, C. F. S.; MELLO, T. M. V. F.; BARBOSA, M. K. Macro e micro-olhares na prevenção do suicídio: um aprendizado de mão dupla. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 193–206, 2019.
- CAMPOS, L. J. et al. Trabalho e suicídio: gesto de resistência final. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 86–103, 2016.
- CASTRO, L. S. P.; MONTEIRO, J. K. Saúde no trabalho de fumicultores do RS: não adoce somente quem fuma, mas também quem planta. *Psicologia Revista [Belo Horizonte]*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 790–813, 2016.
- CESCON, L. F.; CAPOZZOLO, A. A.; LIMA, L. C. Aproximações e distanciamentos ao suicídio: analisadores de um serviço de atenção psicossocial. *Saúde e Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 185–200, 2018.
- CHINAZZO, Í. R. et al. Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 5045–5056, 2021.
- CORRÊA, F. H. M. et al. Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 69, n. 1, p. 13–22, 2020.

- DANTAS, E. S. O. et al. Suicídio de mulheres no Brasil: necessária discussão sob a perspectiva de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 5, p. 1469–1477, 2023.
- DITOLVO, H. H. S.; GORAYEB, R.; DEROUALLE, S. M. Clínica extensa: interfaces da psicanálise e da educação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 285–297, 2019.
- EICH, M. et al. Práticas de fim de vida: análise bioética dos projetos do Poder Legislativo brasileiro, 1981–2020. *Saúde e Sociedade*, v. 33, n. 2, p. e220871pt, 2024.
- GRANDIM, J. G. P. et al. Produção discursiva sobre suicídio e comunidade LGBT no Twitter. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 74, e016, 2022.
- GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. 15. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- GERCHMANN, A.; ANTUNES, C. A. O suicídio na era do espetáculo: a respeito dos massacres nas escolas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 103–116, 2019.
- GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S.; PERRONE, C. M. O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação. *Tempo de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 357–383, 2020.
- GUTIERREZ, D. M. D. et al. Pessoas idosas tentam suicídio para chamar atenção? *Saúde e Sociedade*, v. 29, n. 4, p. e190659, 2020.
- JUNIOR, P. M. C.; CANAVEZ, F. O corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes. *Analytica*, São João del Rei, v. 7, n. 13, p. 179–191, 2018.
- KITANAKA, J. Diagnosing suicides of resolve: psychiatric practice in contemporary Japan. *Culture, Medicine and Psychiatry*, v. 32, p. 152–176, London, 2008.
- LARAIA, R. B. Cultura: Um Conceito Antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LEVINZON, G. K. Thirteen reasons why: suicídio em adolescentes. *Jornal Psicanálise*, São Paulo, v. 51, n. 95, p. 297–306, 2018.
- LIMA, L. et al. Violação dos direitos humanos dos pacientes com tentativa de suicídio no Brasil. *Saúde e Sociedade*, v. 31, n. 3, p. e200331pt, 2022.
- OLIVEIRA, D. P.; LIMA, M. C. P.; COLARES, C. C. O desejo de viver e a transmissão do saber: perspectivas psicanalítica e filosófica. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 39–62, 2019.
- MARQUETTI, F. R.; MARQUETTI, F. C. Suicídio e feminilidades. *Cadernos Pagu*, n. 49, p. e174921, 2017.

MENEGHEL, S. N.; MOURA, R. Suicídio, cultura e trabalho em município de colonização alemã no sul do Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, n. 67, p. 1135–1146, 2018.

PRATS, L. Aspectos culturais do suicídio. *Psicologia*, v. 5, n. 2, p. 181–187, Lisboa, 1987.

RIO GRANDE DO SUL. Boletim Epidemiológico DVE/CEVS/RS: Lesão autoprovocada e suicídio. Setembro 2024.

SOUZA, M. L. P. Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos. *Saúde & Sociedade*, v. 25, n. 1, p. 145–159, 2016.

STALIANO, P.; MONDARDO, M. L.; LOPES, R. C. Onde e como se suicidam os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: confinamento, jejuvy e tekoha. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe, p. e221674, 2019.

VANNUCCHI, A. M. S. Suicídio na adolescência: tentando pensar o impensável. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 143–157, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Suicide. Geneva: WHO, 2025. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs398/en/>. Acesso em: 20 jun. 2025.